



Projeto Jardim Carapina: eu tenho parte¹

Marcella MARTINS²

Evita NATASHA³

Marcella LUCCI⁴

Poliana PIMENTEL⁵

Vitor POSSATTI⁶

Ivana ESTEVES⁷

Universidade de Vila Velha, ES

RESUMO

Saber comunicar vai além do simples ato de informar. É preciso, também, mobilizar vontades em busca de um bem comum para que determinadas mudanças sociais ocorram. Com isso, o projeto Jardim Carapina: eu tenho parte, utilizou de técnicas da comunicação e do conceito de alteridade para vivenciar uma comunidade periférica e estereotipada, objetivando conhecer os moradores e identificar suas vontades, fato que resultou na realização de oficinas de fotografia, bem como na criação da biblioteca cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade; cidadania; comunicação; mobilização.

TEXTO DO TRABALHO

O indivíduo constrói sua visão de mundo por meio de suas relações sociais e históricas, tendo como base a comunicação. Em outras palavras, o meio em que o indivíduo está inserido influencia na sua percepção do mundo e, conseqüentemente, nos seus atos.

Toda relação é mediada por algo ou alguém. Orozco (1997) aponta algumas categorias dessa mediação: a mediação individual, proveniente de cada um como sujeito cognitivo e comunicativo; as mediações institucionais que são as participações nas várias organizações tais como a família, a escola, o trabalho, a igreja e outras que possam

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na área Temática 07- de Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Vila Velha, e-mail: marcellamartinsm@gmail.com

³ Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Vila Velha, e-mail: evita_vip@hotmail.com

⁴ Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Vila Velha, e-mail: mglucci@hotmail.com

⁵ Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Vila Velha, e-mail: polianapimentel13@hotmail.com

⁶ Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Vila Velha, e-mail: vitor_possatti@hotmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha, e-mail: ivanae@uvv.br



influenciar na recepção da mídia; as mediações situacionais que envolvem os fatores atuantes durante e depois da recepção, ou seja, cada ambiente, cada espaço cria uma determinada situação de recepção; as mediações referenciais, relacionadas à identificação pessoal no contexto social do sujeito receptor, como faixa etária, gênero, grau de escolaridade e classe sócio-econômica; e as mediações tecnológicas que abordam a ideia de que a tecnologia do meio de comunicação também interfere na maneira como o sujeito vai receber a informação.

Pois os meios, atribuindo significado à realidade, ajudam a conformar nossas identidades. Eles apresentam profundas implicações no funcionamento da sociedade contemporânea, participando ativamente do processo educativo. (BACCEGA, 2008, p. 5).

Para Rabaça & Barbosa (1987) o termo comunicação, que deriva do latim *communicare*, tem como sentido principal tornar comum, partilhar, repartir, trocar opiniões, associar ou conferenciar, ou seja, é uma troca de experiências em diferentes meios, tais como a oralidade, a escrita, a música, a escola, a leitura, a dança, a fotografia, entre outros.

Desta forma, percebe-se que a comunicação, sobretudo o *mass media*⁸, exerce bastante influência no sujeito receptor, pois participa ativamente no processo de construção da realidade e da representação do mundo.

Neste caminho à transformação social, os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmo e dos outros, ou seja, a visão social. (GAMA, SANTOS, FOFONCA, 2010, p. 5).

Ainda no sentido da mídia como responsável pela ampliação do mundo social e do que nele ocorre, é possível caracterizá-la como um quarto poder. As informações transmitidas não são de fato neutras, possuem sentidos subjetivos e cada indivíduo absorve à sua maneira.

⁸Meios de Comunicação de Massas ou Mass Media foi uma expressão inventada nos anos 50, nos Estados Unidos, para designar os média que são susceptíveis de atingir um grande público e por conseguinte, diverso e não identificável (Dicionário dos Media, 2004, p.123).



Não é à toa que muitos estudiosos do assunto passaram a defender a ideia de que, mais do que um ator relevante das democracias, a mídia representaria um quarto poder – em uma referência aos Três Poderes da República: Executivo, Legislativo e Judiciário. Tanta relevância atribuída aos meios de comunicação estaria relacionada, em grande parte, à potencial função social que eles desempenham. Dentre esses possíveis papéis, poderíamos destacar o dever de levar informações contextualizadas para a população, a capacidade de influenciar na definição dos temas prioritários da agenda pública e a atuação no monitoramento e no controle social dos atores políticos. (NUNES, 2009, p.8).

A realidade da comunicação hoje se pauta no bombardeio de informações, mas apesar de toda essa avalanche, é preciso produzi-las com qualidade, permitindo ao cidadão tomar as melhores decisões, exercer seus direitos e garantir as notícias de interesse público.

Saber comunicar é fator regra pra quem busca atingir o seu receptor, em outras palavras, é preciso conhecer o outro ao qual se dirige, os seus interesses e perspectivas.

Destacou-se anteriormente a força da mídia como influenciadora no processo de construção da realidade do indivíduo. No entanto, aponta-se ainda que a comunicação possui outras estratégias como, por exemplo, a mobilização social.

Comunicação para mobilização requer saber utilizar as ferramentas de comunicação para atrair vontades e convocar parceiros para mudar determinada situação, ou seja, é quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo em comum buscando, cotidianamente resultados decididos e desejados para todos.

Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados [...] Toda mobilização é mobilização para alguma coisa, para alcançar um objetivo pré-definido, um propósito comum [...] A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente [...] Como falamos de interpretações e sentidos também compartilhados reconhecemos a mobilização social como um ato de



comunicação. (TORO, 1997, p.11).

Ainda nesse sentido MAFRA, HENRIQUES e BRAGA (2004) afirmam:

[...] a mobilização social é a reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a transformação de uma dada realidade, movidos por um acordo em relação a determinada causa de interesse público (MAFRA, HENRIQUES, BRAGA, 2004 p.36).

Toro e Werneck (1997) afirmam que um processo de mobilização social tem início quando uma pessoa, um grupo ou uma instituição decide iniciar um movimento no sentido de compartilhar um imaginário e o esforço para alcançá-lo. Fato este que foi pretendido com o projeto "Jardim Carapina: eu tenho parte". Dessa forma, o grupo de alunos da disciplina de Comunicação e Cidadania desenvolveu, no segundo semestre de 2011, um projeto de comunicação na comunidade de Jardim Carapina.

O bairro, localizado na cidade da Serra, existe há 25 anos e inicialmente era considerado como uma ocupação não autorizada. Construído sobre um manguezal, Jardim Carapina possui hoje cerca de 25 mil habitantes, sendo a maioria nordestinos e da classe C e D. Além disso, o lugar possui ruas asfaltadas, creches, escolas, supermercados e padarias.

Os principais problemas de Jardim Carapina são as pracinhas sem estrutura, a prefeitura que não reconhece o lugar como bairro, o posto de saúde que está fechado e o constante conflito entre quatro gangues rivais, fazendo com que algumas regras sejam impostas para aqueles que queiram entrar no bairro, como motoqueiros sem capacete e que os carros com *insulfilm* andem com as janelas abertas.

O projeto tem por finalidade não apenas mudar a realidade das pessoas que habitam ali, como também quebrar os estereótipos construídos pelas pessoas de fora do bairro. Objetiva-se também desconstruir os paradigmas criados pela mídia, os quais giram em torno da violência divulgada nas notícias. O grupo teve essa percepção a partir da pesquisa por matérias sobre o bairro divulgadas nos veículos de comunicação.

WOLTON (2010) diz que comunicar é muito mais do que simplesmente transmitir uma mensagem. O autor define a afirmação por três razões:



Primeiramente, se não existe comunicação sem informação, a comunicação é sempre mais difícil, pois impõe a questão da relação, ou seja, a questão do outro. O resultado é incerto visto que o emissor raramente está em sintonia com o receptor e vice-versa. *Em segundo lugar*, há uma contradição entre a legitimidade da informação e o descrédito da comunicação, pois nunca os homens passaram tanto tempo, como neste último meio século, tentando se comunicar. Nunca se investiu tanto dinheiro em tecnologias cada vez mais sofisticadas na tentativa de atingir esse objetivo. Por que desvalorizar e criticar essa atividade e dedicar a ela tanto tempo, energia e dinheiro? Desvalorizar a comunicação, que é desesperadamente buscada por todos na vida privada, profissional, política e social, significa se autodesvalorizar. *Por fim*, como associar o bem à informação e o mal à comunicação na medida em que ao longo dos últimos dois séculos as duas estiveram ligadas no combate pela emancipação individual e coletiva? Não há informação sem um projeto de comunicação. Há uma espécie de esquizofrenia nessa vontade de diabolizar a comunicação para louvar a informação. Quanto às tecnologias, da televisão à informática, elas desempenham, desde muito tempo, um papel essencial na emancipação individual e coletiva, sendo onipresentes em nossas vidas. (WOLTON, 2010, p. 11).

Portanto, é a partir da comunicação que se cria vínculos e relações com os outros, possibilitando que as pessoas sejam capazes de coordenar as ações desejadas em um mesmo sentido, buscando a transformação da realidade, ou seja, o projeto tem por ambição estimular o bom desenvolvimento de uma comunicação para uma mudança tanto da comunidade quanto uma mudança na visão social, nesta última entra os próprios idealizadores do projeto.

Para a realização do projeto, o grupo teve como base o conceito de alteridade, ou seja, o desvendar do outro em prol do diálogo e da sobrevivência coletiva, o que requer consideração, valorização e identificação do outro.

Com isso, inicialmente vivenciou-se o local, para que a realidade da comunidade fosse vista sob a ótica dos próprios alunos. Ao contrário do que a mídia aponta, os integrantes do grupo foram bem acolhidos e a violência não está de forma explícita no bairro. Percebeu-se então, que as quatro facções criminosas que agem no bairro não envolvem a população na guerra pelo poder. Ressalta-se também a observação de que muitos dos jovens estão inseridos nas redes sociais, possuem celulares de última geração e se vestem com roupas da moda.



Durante o período da vivência, buscou-se a criação de vínculos. Esse processo aconteceu naturalmente durante o projeto e por meio dele o grupo passou a ter parte da causa. O segundo passo foi conhecer as vontades e necessidades dos moradores do bairro, para que assim fossem pensadas ações de comunicação para a comunidade.

Notou-se então a forte ligação da comunidade com a fotografia, a leitura, a música, a dança, entre outras formas de comunicação. A partir dessa percepção, o grupo de alunos optou por realizar oficinas de fotografia e de *Stop Motion*, bem como a criação de uma biblioteca. Tudo isso com a finalidade de registrar o acontecimento na memória dos participantes. É importante frisar que os materiais das oficinas e os livros foram conseguidos por meio de doações.

Como dito anteriormente, utilizamos a fotografia e suas técnicas para nos aproximarmos dos jovens e promover algo interessante que pudesse ser registrado por eles mesmos, na comunidade.

A fotografia evoluiu sobre o seu contexto inicial até os dias de hoje. Inicialmente ela era definida como espelho do real, hoje já se sabe que o real pode ser manipulado por meio de técnicas. Ainda em relação ao real DUBOIS (1994) diz que:

Em toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio. Trata-se das questões dos modos de representação do real ou, se quisermos da questão do realismo. (...) Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico 'presta contas do mundo com fidelidade'. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular. (DUBOIS, 1994, p.25).

Justifica-se assim o uso da fotografia, enquanto meio de comunicação, na realização do trabalho. Outro ponto relevante é o fato das pessoas na comunidade terem interesse por esta arte e, por meio dela, conseguirem mostrar a realidade a partir da ótica que cada um possui em relação a Jardim Carapina. É a relação específica entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio de comunicação.

SONTAG (1986), afirma que a composição de mundo se da a partir do contexto social que a pessoa está inserida. O autor aponta também que a realidade fotografada por quem



pertence a um meio específico (no caso Jardim Carapina) pode ser interpretada por outras pessoas (que não fazem parte do bairro), desta forma, as fotos permitem outra interpretação de como é a vida na comunidade.

“Qualquer fotografia tem uma multiplicidade de sentidos; Ver algo sob a forma de fotografia é deparar com um potencial objeto de fascinação. O extremo ensinamento da imagem fotográfica é poder dizer: 'Aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência.' As fotografias, que por si só nada podem explicar, são inesgotáveis convites à dedução, especulação e fantasia" (SONTAG, 1986, p.30).

Portanto, a escolha da fotografia teve como finalidade que os moradores fotografassem a visão deles da comunidade, do ambiente em que vivem, para que esta fosse interpretada de outra forma pela sociedade, mostrando que o bairro possui outros quesitos a serem expostos, diferente do que apresenta a mídia.

Para a realização das oficinas, bem como para a criação da biblioteca era necessário um local. Com isso, percebeu-se a forte ligação que a Primeira Igreja de Jardim Carapina tem com os moradores, pois possui em suas instalações, local para reunião da associação de moradores, laboratório de informática e local para atendimento médico, tendo em vista que o posto de saúde do bairro foi fechado. Ressalta-se também a vontade de criar o Ensino para Jovens e Adultos (EJA).

Sendo assim notou-se que a Igreja poderia ser um local que atraísse os moradores, de possível realização das oficinas e também foi oferecido um espaço para a criação da biblioteca.

As oficinas foram realizadas pelos alunos idealizadores do próprio projeto, no dia 15 de novembro de 2011. Optou-se trabalhar desta maneira, a fim de colocar em prática os conceitos apreendidos na disciplina, ou seja, utilizou-se outro aspecto da comunicação para mobilização social que é usar o próprio conhecimento para atingir outras pessoas.

Na oficina de fotografia foi passado o aprendizado adquirido nas aulas das disciplinas de Introdução à Fotografia e de Fotojornalismo, cursadas no quarto e quinto período do curso de jornalismo. Conteúdos como estilos e composições fotográficas foram



transmitidos aos participantes, com o intuito de mostrá-los novas opções de abordagem durante o registro dos momentos.

As principais técnicas utilizadas foram a da regra do terço, que consiste em dividir a foto em nove partes, deslocando os pontos de intercessão para o tema desejado; posicionamento diferenciado, em que o fotógrafo se desloca de várias maneiras, registrando o momento a partir de ângulos inusitados; reflexos, fotografando imagens refletidas em vidros, poças d'água etc.; moldura, usando elementos que contornam o conteúdo principal da foto; estilo preto branco, usado com o objetivo de destacar as ações, formas e texturas presentes na imagem, além de passar uma sensação de atemporalidade; tipos de planos: geral, médio e fechado; entre outros.

Todos os ensinamentos sobre técnicas e estilos fotográficos foram passados através de apresentação em *power point*. Após as explicações, os participantes das oficinas saíram com suas câmeras nas mãos em busca de ações e elementos que caracterizassem o bairro. Como cada pessoa possui um olhar diferente, o resultado foram fotos com características variadas.

A outra oficina foi a de *Stop Motion*. Esta que é uma técnica na qual se utiliza de uma sequência de fotos para realizar a animação de um objeto inanimado. Com o uso de fotos o ideal é fotografar quadro a quadro para dar o sentido de movimento.

As duas oficinas superaram a expectativa do grupo idealizador e realizador do projeto. Notou-se a fácil captação do conhecimento dos moradores em realizá-las, fato que é comprovado nas fotografias registradas por eles. Algumas das fotos estão em anexo no trabalho.

No dia de realização das oficinas, o grupo se mobilizou e comprou cachorro quente, refrigerante e algodão doce. Uma maneira divertida para atrair e garantir a vivência durante um dia praticamente inteiro na comunidade. Um morador, espontaneamente, levou picolé para ser compartilhado na hora do lanche, fato este que apontou a liberdade e ação recíproca dos moradores para com o grupo e o projeto.

Paralelamente à realização das oficinas, aconteceu o processo de desenvolvimento da



biblioteca cidadã. A necessidade em receber doações de livros foi anunciada dentro da Universidade Vila Velha (UVV), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Facebook (no perfil pessoal dos conhecidos e na *Fan Page* criada para o projeto) e telefonema e e-mail para as editoras e livrarias de Vila Velha, Vitória e Serra, no Estado do Espírito Santo.

Quanto às doações, recebeu-se em média 500 livros, sendo 150 de livrarias e 350 de doações pessoais (professores, amigos, alunos). O projeto ficou conhecido e por isso foi procurado pelo Jornal A Gazeta (veículo de grande visibilidade no Espírito Santo), o qual publicou uma matéria referente ao que já se tinha feito no projeto, possibilidades de doações, informações sobre o funcionamento da biblioteca. Tal publicação deu visibilidade aos alunos idealizadores do projeto, à professora orientadora Ivana Esteves e ao pastor da igreja e colaborador do projeto, Marques Xavier.

O fato da matéria sobre o bairro Jardim Carapina ter sido veiculada no jornal, possibilitou um dos propósitos do projeto, que é a desconstrução de padrões intitulados pelos meios de comunicação de massa, que a caracterizava como uma comunidade violenta e marginalizada quanto aos estudos, perspectivas de crescimento cultural e seus moradores. Ainda neste sentido, apontou-se os interesses dos residentes em diferente artes.

Ressalta-se também o fato dos próprios moradores se mobilizaram para procurar e indicar alguém para ficar responsável pela organização da biblioteca em determinados dias da semana. A biblioteca funciona de segunda a sábado das 08 às 12h e no domingo das 14 às 22h.

Outro momento foi a exposição das fotos e a inauguração da biblioteca que foi realizado no domingo (20 de novembro de 2011). A escolha pelo domingo justifica-se devido ao maior número de circulação de pessoas no bairro, bem como o de frequência à igreja neste dia.

A exposição das fotos aconteceu numa área aberta da igreja. Foram selecionadas cinco fotos de cada participante para serem expostas em varais, além da exibição dos *Stop Motions* em um data show. Considera-se como ponto marcante das exposições o



momento em que cada autor se identificou com sua arte, ou seja, reconheceram sua capacidade e a importância do projeto. Ao final da mostra, cada participante ficou com as suas fotos e os seus vídeos, uma maneira de instigar novos trabalhos e de registrar as ações.

Quanto à biblioteca, todos os livros arrecadados no período da disciplina foram cadastrados e etiquetados. Hoje, a igreja (local onde fica a biblioteca cidadã) possui uma pessoa responsável pela organização dos novos livros que chegam bem como para o controle de empréstimo e conservação dos livros.

Ao realizar o projeto Jardim Carapina: eu tenho parte, os organizadores e moradores da comunidade de Jardim Carapina, passaram por transformações quanto ao modo de reconhecer o outro. Percebeu-se a possibilidade de crescer a partir da realidade do outro, bem como a importância em vivenciar, compreender aquele ambiente que não faz parte do seu círculo, e trabalhar com a perspectiva da relação de eu-tu.

Neste sentido, conclui-se uma mudança na visão do que de fato é a comunicação, aprendeu-se que comunicar vai além do simples ato de informar. Comunicar significa também saber mobilizar, convocar vontade e promover a coletivização. Conhecer o outro ao qual se pretende atingir, informar, mobilizar, é peça chave para uma comunicação eficaz.

O projeto foi realizado durante o segundo semestre de 2011, porém o grupo de alunos continua frequentando a comunidade para saber como está o desenvolvimento da biblioteca. Deseja-se dar prosseguimento aos trabalhos realizados em Jardim Carapina, devido, principalmente, o retorno que os idealizadores obtiveram com os moradores.

Buscam-se, então, outras ações com a finalidade de consolidar o papel da leitura na comunidade, tendo em vista que o grupo crê que é possível mudar a realidade por meio de um livro, bem como apoio para outros tipos de atividades.

Por fim, tendo em vista a realização do projeto, bem como os objetivos e crescimentos pessoais e profissionais alcançados, conclui-se a comunicação como um ponto importante para a mobilização social e a transformação de ambas as partes envolvidas



no projeto Jardim Carapina: eu tenho parte.

REFERÊNCIAS

BALLE, F. org. **Dicionário dos Media**. Lisboa: Didáctica Editora, 2004.

BARBOSA, G.; RABAÇA, C. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

BRAGA, C. S., HENRIQUES, M S.; MAFRA, R. L. M. **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papyrus, 1994.

GAMA, A. F.; SANTOS, A. R. B. dos; FOFONCA, E. **Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia**. Revista Temática, João Pessoa, Ano VI, n. 10, p. 5, outubro. 2010.

MAFRA, R. HENRIQUES, M. S.; BRAGA, C. **O Planejamento da Comunicação para a Mobilização Social: em busca da co-responsabilidade**. In: HENRIQUES, M. (org). **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MAZZOTTI, A. J. A. A abordagem estrutural das representações sociais. **Psicologia da Educação**, São Paulo: PUC-SP, ns. 14-15, 2002.

NUNES, K. **Comunicação e Mobilização Social: orientações para incidir em políticas públicas**. Belo Horizonte: Oficina de Imagens, 2009.

SONTAG, S. **Ensaios sobre Fotografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

TORO, J. B.; WERNECK, N.M.D. **Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação**. Brasil: UNICEF, 1997.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.



ANEXOS



Momento de vivência



Material doado para as oficinas



Doação dos livros



Explicação na oficina de fotografia



Grupo da oficina de fotografia



Grupo da oficina de Stop Motion



Organização da biblioteca cidadã



Organização da biblioteca cidadã



Organização da biblioteca cidadã



Exposição das fotos



Exposição das fotos



Exposição das fotos



Biblioteca cidadã



Foto do morador Fernando Henrique



Foto da moradora Benedita Silva



Foto da moradora Sarah Castro

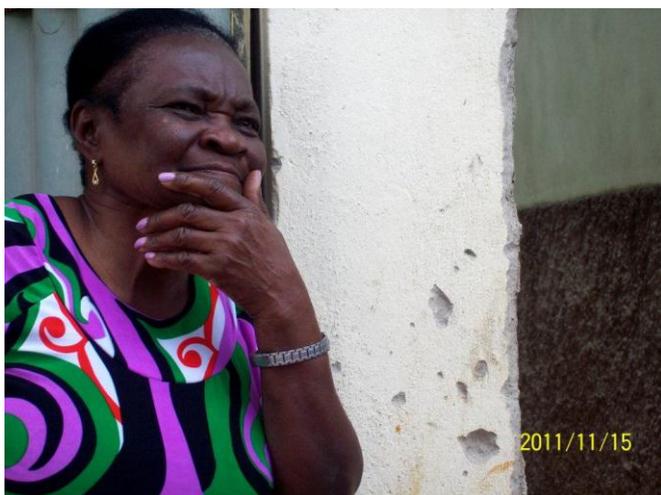


Foto da moradora Isabelle Silva



Foto do morador Marques Henrique



Foto do morador Ricardo Dias



Moradores tirando fotos do bairro



Fan Page do projeto



Matéria sobre o projeto na mídia